ANO 2.º — LISBOA—SEGUNDA-FEIRA, 26 DE JUNHO DE 1922 — N.º 376

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

MUITA gente tem estranhado que, sendo o Brasil uma Republica, muito mais velha que a nossa e vivendo no regime de separação em materia religiosa, em todas as cidades onde se demoraram os nossos aviadores, se celebraram missas e *Te-Deuns* para dar graças a Deus pelo exito do *raid* Lisboa-Rio.

Estão os brasileiros mais ou menos civilisados que os portugueses?

Parece-nos que eles compreendem muito melhor que nós o significado da religião como meio da expressão dos mais fundos afectos da alma, ao mesmo tempo que praticam a democracia já como uma conquista que os costumes consagraram.

* * *

O CONGRESSO jornalistico luso-hispano começa a ser encarado pelos nossos vizinhos como um acontecimento resonante, da maior importancia para o estreitamento das relações entre os dois povos peninsulares. A grande comissão que em Lisboa trata do assunto vai dirigir-se, num dos proximos dias, á Associação da Imprensa Espanhola, cujo presidente é Francos Rodriguez, a fim de se iniciarem de perfeito acordo os trabalhos preparatorios da sua celebração.

* * *

O *raid* Lisboa-Rio, se por um lado afervorou a fé do nosso povo no heroismo da raça, por outro deu curso a torrentes de retorica que ameaçam submergir-nos. Leia-se isto, por exemplo:

«—Por ares nunca dantes navegados, os dois aviadores foram levar ao Brasil o testemunho de que nós subimos cada vez mais, não obstante Pedro Alvares Cabral repousar na sua sepultura ha quatro seculos.»

* * *

PELO Ministerio da Marinha foi nomeada uma comissão composta dos srs. Augusto Neuparth, presidente, capitães de fragata Sá Penela e Marcelino Carlos, capitão-tenente Teodoro da Costa e do dr. Magalhães Ramalho, naturalista assistente do Aquario Vasco da Gama, a fim de examinar as propostas para a compra dum navio com motor que fique ao serviço do Aquario Vasco da Gama.

* * *

NA proposta do sr. ministro da Agricultura sobre o novo *regime cerealifero* estabelecem-se disposições especiais para o caso de greve—da panificação, da moagem, dos transportes, etc., autorizando o governo, por intermedio da Manutenção Militar, a tomar medidas eficazes.

* * *

O sr. governador civil de Lisboa louvou o comissario geral da policia de Segurança Publica, major Carrão de Oliveira, e o pessoal seu subordinado pela dedicada e inteligente cooperação que lhe prestaram durante as Festas da Cidade.

* * *

JOSÉ Osorio de Oliveira, numa pequena brochura, que a «Lusitania» editou com esmero, —«Oliveira Martins e Eça de Queiroz», ocupa-se destes dois escritores, cujas virtudes literarias exalta, entre as dos seus contemporaneos.

* * *

O dr. da Cunha Dias, continuando com as suas graciosas edições dos nossos classicos, vai pôr á venda *Pensamentos e maximas morais e politicas*, do padre Antonio Vieira.

PALAVRAS OU FACTOS

Todo o nosso mal — vicio fundamental duma educação que não visa realidades, mas sim vacuidades — consiste em vivermos de quimeras e mentiras, sem compreendermos que a nossa situação exige remedios imediatos e que estes só serão eficazes, se os charlatães não intervierem na sua concepção.

Financeiramente, graças á incuria, á incompetencia, á desordem e ás covardias do poder, a partir de 1914, nós sofremos mais que alguns dos povos que entraram na guerra, jogando nela tudo quanto tinham em vidas e fazendas.

Os erros, rotinas e vicios acumulados criaram-nos esta desesperadora opressão que se traduz por uma crise de subsistencias, para vencer a qual não há recursos que resistam, e por um *deficit* orçamental que cresce já automaticamente, seguindo a depressão cambial e a inacção governativa. O governo do sr. António Maria da Silva — preste-se-lhe esta justiça — representa um esforço para romper com o quietismo dos seus antecessores, passando do campo dos empirismos comodos para o das medidas salvadoras.

Terão estas o valor que lhe atribuem alguns dos seus acerrimos defensores?

Com franqueza o declaramos—não têm. Desde que o governo fugiu á primeira parte do seu programa, que era a moralização e a compressão das despesas publicas, para se preocupar principalmente com reformas fiscais, perdeu muito do seu prestigio. Quem não inspirar confiança ao país, corre perigo de este lhe voltar as costas. Exigir sacrificios aos contribuintes, já rasoavelmente sobrecarregados, sem que o Estado dê o exemplo, remodelando-se, saneando-se e aliviando-se de encargos que simplesmente lhe depauperam o ser, é um arrojo que se nos afigura dificil de explicar.

De que serve estar a demorar a solução de problemas que não há meio de vencer, senão atacando-os a sério?

Todas as demoras que o receio de responsabilidades vai impondo para contento das clientelas e dos amigos poderosos hão de redundar em larga colheita de malificios.

A proposta do sr. ministro da Agricultura sôbre o *novo regime cerealifero*, se não servir para desonerar o Tesouro dos cem mil contos que perde com o fornecimento dos trigos, pouco mais será que poeira atirada aos olhos do povo. Entregue-se á moagem o abastecimento do pão, que ela se encarregará dêsse serviço, com vantagens para a saude de nós todos, embora com certo gravame no preço para o consumidor.

As propostas do sr. ministro das Finanças têm que ser discutidas com muita sciencia e prudencia. Veja o Parlamento o que se propõe fazer!

Se os nossos legisladores alguma vez tiveram necessidade de mostrar que não obedecem a sugestões insensatas nem a jacobinismos cegos, a ocasião é mais que nenhuma outra propicia.

Que o país esteja atento ao que se vai passar!

Automoveis por medida

(Desenho de Tovar).

— Em que te baseias para afirmar que engordaste?
— O automovel está-me muito apertado.

CHEGOU a Paris, acompanhado pelo principe herdeiro, o imperador do Anam, Khaï Dinh, trazendo nas mãos um ramo de flôres de lotus colhidas no seu país, maravilhoso, como lhe chama um ilustre jornalista francês.

Pai e filho são duas criaturas frageis, enfermiças, femininas.

Como vivem sob o protectorado da França, mostram uma pobreza de sangue digna de todos os carinhos. Os anamitas cultivam o arroz, que é o seu alimento predilecto.

Os seus soberanos parece que comem flôres e se embriagam de perfumes.

A França, que eles consideram sua mãe, trata-os com benevolencia, tanto mais que, pelo seu estado de fraqueza, não admitem outro tratamento.

* * *

NO julgamento de M.me Bessarabo, quando sua filha, M.lle Paule Jacques, disse que tinha um segredo a revelar que esclareceria todo o processo, aquela gritou-lhe, em português:

— «Cala-te!».

Onde é que ela aprendeu a nossa lingua? Falava-a ela realmente ou trata-se simplesmente duma unica expressão de que se serviu industriosamente, a fim de não ser compreendida pela assistencia? Existe no provençal o verbo «calar»?.

* * *

FROSSARD, secretario geral do partido comunista, que ha dias chegou de Moscow, interrogado por um jornalista sobre o estado de saude de Lenine, disse:

— «Está doente, afastado da direcção dos negocios publicos, sujeito a um regime de repouso.

«O seu restabelecimento, porém, é obra de algumas semanas, não haja duvidas.

«Lenine tem sido tratado com rara dedicação na Russia, não pensando, portanto, em se retirar para qualquer casa de saude, no estrangeiro» —.

* * *

UM americano, o sr. Brainard, adquiriu o direito de publicação no mundo inteiro, quer em volume, quer em jornal ou revista, da obra do ex-kaiser—*Factos e Pessoas desde 1878 a 1918*. Pagou cada palavra á razão de três *dollars*, o que em moeda portuguesa representa 40$95. Se o preço estivesse em harmonia com o valor do texto, Guilherme de Hohenzollern conquistava uma realeza entre os escritores.

* * *

LLOYD George declarou, no dia 22 do corrente, perante a Camara dos Comuns:

«—O governo britanico não pode permitir-se o luxo de renunciar ás somas que o estrangeiro lhe deve.»

Como não apontou nenhuma excepção, Portugal encontra-se assim avisado de que não pode contar com qualquer benevolencia ou perdão especial.

* * *

ANA de Castro Osorio, que tão inteligentemente se ocupa da educação da infancia, enviou-nos o seu livro de leitura para a 4.ª classe de instrução primaria—*Lendo e Aprendendo*.

* * *

FOI nomeado chefe da repartição do protocolo e pessoal diplomatico da direcção geral dos Negocios politicos e diplomaticos o sr. José da Costa Carneiro, chefe de missão de 2.ª classe.

Touradas

Vai haver touros de morte?

Recebemos, ainda a proposito da questão debatida nas colunas do *Diario de Lisboa* sobre os touros de morte, a seguinte carta:

Sr. redactor.—Como todos os dias leio o seu muito acreditado jornal, tenho seguido com certo interesse a discussão e a questão dos touros de morte.

O assunto é de molde a chamar a atenção dos seus leitores, [illegible] as touradas um «divertimento popular», talvez o mais caracteristico entre nós e de antigas e cavalheirescas tradições.

Eu sou [illegible] pelas touradas e pelas touradas de «morte».

Dizem [illegible] de opinião contraria ás touradas que elas são um espectaculo barbaro e prejudicial á formação do caracter e da indole popular.

A verdade, porém, é que todos os paizes, mais ou menos, gostam de espectaculos que emocionem e façam vibrar os nervos; é virtude ou defeito (como quizerem) da humanidade.

Uns apreciam os combates de galos. Outros, os combates de [illegible] entre homens, até um dos contendores ficar com as ventas amassadas (pelo menos). Tudo isto é barbaro? Mas como querem os ilustres filosofos acabar com a barbaria, se ela é inata no homem?!

Mas, se as touradas pervertem os sentimentos das pessoas, porque é que se toleram «espectaculos imorais» e «cinemas» onde se aprende tudo o que ha de peor? etc., etc.

A tourada é ainda um espectaculo onde um homem luta com uma fera e diga-se a verdade, é um espectaculo em que ha ainda um certo pé de igualdade, porque, de vez em quando, o touro, para vingar tantos dos seus semelhantes, lá vai despachando para o outro mundo um ou outro artista, por via de regra dos mais [illegible], para não ser banal o logar.

A tourada portuguesa, com as «pegas» e com a repetição de touros já corridos é mais barbara do que a de touros de morte.

Tirem a cada tourada a scena repugnante dos cavalos e substituam-os pelo lido de cavaleiros, defendendo o seu corpo e castigando o touro, e siga a tourada até á morte do touro, e ter-se-ha um espectaculo brilhante e que só concorrerá para avaliar da destreza, habilidade e coragem dos portugueses.

Já viram como as espanholas gostam das suas touradas? E não obstante são corações de pombas, onde se abrigam os melhores sentimentos.

Deixe-se a S. P. A. das suas representações; e se quere proteger alguma coisa, comece por proteger, se pode, o bicho homem, que é, presentemente, o mais desprotegido.—*X.*

Quereis poupar o calçado?
Usae o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

UNICOS!!!

Os fabricantes Donas, da Covilhã, são os unicos com depositos nesta cidade e Porto, onde todos podem escolher fazendas para fatos e vestidos á vista dos artigos, evitando o incomodo de pedirem amostras, e muitas vezes sujeitarem-se a decepções.

Acabam de receber novas remessas de estambres e *gabardines* e ditas impermeaveis.

Nota—Para os que não podem ir ao seu deposito têm um serviço especial de amostras para mandarem ao domicilio. Basta requisitá-las no seu grande deposito da rua dos Fanqueiros, 187.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS
Livro util em todos os lares
Mais de 100 plantas para remedios caseiros
A venda nas livrarias e tabacarias
Pedidos a Antonio Ribeiro
R. Nova da Trindade, 87
PREÇO 1$00
Pelo correio 1$20

CALDAS DA FELGUEIRA

BEIRA-ALTA
CANAS

AOS QUE SOFREM

Cura radical de: Bronquite, doenças do coração, flebitos, peles, gota e reumatismo artritico

AS MELHORES DA EUROPA

Hotel de 1.ª ordem

ABERTURA 1.º DE JUNHO

Informações: RUA DO OURO, 275

CRONICA FINANCEIRA

O COMERCIO DOS CAMBIOS

O DECRETO DE 21 DE JUNHO SOBRE COMPRA E VENDA DE NUMERARIO ESTRANGEIRO EM CAMBIAIS

Curiosa contradição entre os considerandos que apresentam diploma e a letra do mesmo decreto

O *Diario do Governo* n.º 123, 2.ª serie, datado de 21 de Junho corrente, publica o decreto n.º 206, sobre comercio de cambios. Transcrito na imprensa periodica, a letra do decreto é já conhecida do publico. Não teve a mesma larga publicidade a especie de justificação, que, á guisa de relatorio, precede o texto do decreto.

Vamos nós transcreve-lo, e dizermos em seguida porque damos honra de transcrição a estes considerandos. Textualmente, apenas pedindo venia para numerar os paragrafos:

1.º—O problema dos cambios é um daqueles que mais tem preocupado os governos do país e sobre o qual, ao sabor de desencontradas opiniões, mais se tem legislado. Forçoso é, porém, confessar que até hoje todas as medidas promulgadas têm resultado absolutamente ineficases, porque estas têm sido dirigidas, não contra o verdadeiro mal, mas contra o seu sintoma.

2.º—De facto, a questão cambial não é senão uma resultante de inumeros e complexos factores, que são de ordem moral, politica, economica e financeira, e para a resolver é preciso actuar em toda a vida da nação.

3.º—As conferencias internacionais de Bruxelas e Genova, nas suas conclusões relativas ao problema cambial, afirmaram que são infrutiferas e até nocivas as medidas tendentes a crear cotações artificiais.

4.º—Baseado nas conclusões da conferencia de Bruxelas, foi promulgado o decreto n.º 7.104, que revogou toda a legislação até então estabelecida sobre materia cambial.

5.º—O cambio continuou a agravar-se e na impossibilidade de rapidamente actuar sobre os complexos factores que têm determinado esse agravamento, o decreto n.º 7.702, de Setembro de 1921, visou tam somente a reprimir a especulação, não pretendendo ir além de uma discreta fiscalisação.

6.º—Em face dos factos é evidente que os seus efeitos foram nulos; os entraves opostos ao comercio cambial livre, se por um lado prejudicaram a execução de operações legitimas, não impediram a especulação e surgiu logo o mercado clandestino de cambiais, que veio colocar os estabelecimentos bancarios respeitadores da lei perante uma desleal concorrencia e as mais variadas cotações.

7.º Os resultados iniludiveis da experiencia obtida entre nós, as conclusões da Conferencia de Genova, aconselham o governo a entrar no regime de liberdade, apenas condicionando a compra de cambiais á apresentação de um «affidavit», em que os mencionados compradores se obriguem a não aplicar as referidas cambiais a fins prejudiciais á economia nacional.

8.º Outrosim, reconhece o governo a necessidade absoluta da criação das bolsas oficiais de cobertura, a fim de poder ser fixado o cambio oficial.

9.º Torna-se portanto indispensavel modificar no sentido indicado o estabelecido no decreto n.º 7:702, pelo que:

10.º Hei por bem ouvido o conselho de ministros, tendo em vista o estabelecido no artigo 20.º do citado decreto n.º 7:702, de 6 de setembro de 1921, e no uso da faculdade concedida pelo n.º 3 do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguesa, decretar o seguinte: (seguem-se os 16 artigos do decreto n.º 8:206, de 21 de junho de 1922).

Analisemos agora os considerandos que vimos de transcrever.

O primeiro paragrafo contém, aliás como todos os mais, verdades como punhos: reconhece que é sobre o problema cambial que mais se tem legislado, e que essa prolifera legislação tem recebido a inspiração de opiniões desencontradas. Se é um mal a governação de um país não ter continuidade de criterio inspirador, ao menos aqui uma conclusão se está habilitado a extrair: é que, tendo-se experimentado desencontradas opiniões, *forçoso é confessar que todas as medidas têm resultado absolutamente ineficazes.*

Porquê? perguntar-se-ha.

O mesmo 1.º paragrafo responde: *porque estas* (medidas) *têm sido dirigidas, não contra o verdadeiro mal, mas contra o seu sintoma.*

A seguir, o paragrafo a que nós damos a numeração 2, revela a razão, até agora inedita em documentos oficiaes, de tal ineficacia: *a questão cambial não é senão uma resultante de inumeros e complexos factores, que são de ordem moral, politica, economica e financeira, e para a resolver é preciso actuar em toda a vida da nação.*

Ora, graças a Deus, e á Deusa Razão, que nas altas esferas do governo se reconhece e se confessa o que nós, e todos os comentadores de questões financeiras, andamos a pregar: que a *questão cambial é uma resultante* e *não uma causal*, e, que as forças de que ela (a questão cambial) é a resultante são inumeras: morais, economicas, politicas e financeiras.

No paragrafo 3.º louva-se assim o relator dos considerandos nas conclusões das conferencias de Bruxelas e de Genova, relativas ao problemas cambial; para confirmar que *são infructiferas e são* **nocivas** *as medidas tendentes a criar corações artificiais.*

No paragrafo 5.º explica-se que a promulgação do decreto 7.702 de 6 de Setembro passado, visou apenas a especulação, não pretendendo ir além de nma discreta especulação. E no paragrafo imediato (N.º 6) verifica e confessa que os *seus efeitos foram nulos*, **que os entraves ao comercio livre prejudicaram a execução de operações legitimas**, sem impediram a especulação do mercado clandestino, e expondo a industria bancaria regular a uma concorrencia desleal e *determinando as mais variadas cotações.*

Podia o dito paragrafo, para ser completo e inteiramente justo, que, senão fosse a visão e a acção patriotica de alguns representantes da industria bancaria, a *taxa artificial* ainda hoje separaria, se os maléficos resultados da especulação do mercado clandestino, animado pelo referido decreto de 6 de Setembro de 1921, ainda a estas horas não houvessem atingido o epilogo. Contentemo-nos, porém, com a justiça que nesse paragrafo se presta á industria bancaria regular, reconhecendo-a como vitima da especulação (feita pelo mercado clandestino, á sombra do decreto de 6 de Setembro de 1921) e absolvendo-a das acusacões gratuitas com que o simplismo e a má fé têm tentado comprometer os estabelecitos bancarios.

O mais curioso é a conclusão que o relator do decreto, ou seja s. ex.ª o sr. ministro das Finanças, tira das premissas alinhadas nos considerandos de que precede o decreto de 21 de Junho decorrente. Depois de resumir que os *resultados iniludiveis da experiencia obtida entre nós, e as conclusões da conferencia de Genova, aconselham o governo a entrar no regime de liberdade...*, isto é, depois de considerar *nulas, ineficazes, infrutiferas e até nocivas* as medidas legislativas sobre materia cambial, o governo o que faz?

Decreta como doutrina intangivel que se não legisle sobre o problema cambial?

Decreta o pleno regime de liberdade no comercio de cambios?

Não, senhores.

A consequencia que o governo tira do reconhecimento da ineficacia e nocividade de se legislar sobre o problema cambial é... continuar a legislar, no mesmo sentido do decreto 7.702, cujos efeitos declara nos seus considerandos terem sido evidentemente nulos.

Por mais impressionante que seja esta contradição entre a doutrina dos considerandos e o texto do decreto de 21 de Junho, ninguem pode pô-la em duvida.

O *Diario do Governo* não nos deixa desmentir.

A primeira apreciação a fazer ao aparecimento do decreto de 21 de Junho é o que se escreve e se publicou nos considerandos. Nós fomos apenas os sublinhadores dessa apreciação, que s. ex.ª o sr. ministro das Finanças faz á sua propria obra.

A apreciação da letra do decreto fá-la-hemos nas nossas *Notas Financeiras* de segunda-feira e dias seguintes, porque só por doses a falta de espaço se reconciliará com o muito que, como meros comentadores, temos a dizer.

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

D. Julieta Pereira de Sampaio Forjaz, D. Maria Francisca Von Zeller Coverley e D. Maria Amelia de Melo e Castro de Vasconcelos Gusmão Madeira.

E os srs.:

Marquês de Abrantes, D. Manuel de Castro, D. Jaime Alvaro Pereira de Melo (Cadaval), Antonio Bernardo Ferreira, Pedro Iglesias Mendes da Silva e Eduardo Ferreira Maia.

Novo titular

O senhor Dom Manuel de Bragança acaba de autorisar o distinto engenheiro sr. D. Antonio Jervis de Atouguia a usar o titulo do seu falecido pai, o sr. visconde de Atouguia.

Pontos de reunião

No Cinema Condes

Muito elegante a «soirée» da moda de sabado, neste belo «cine», hoje em dia o salão animatografico preferido pela nossa aristocracia para os seus «rendez-vous» quotidianos:

D. Henriqueta Garcia da Silva (S. Joaquim), D. Sara Burnay de Paiva de Andrade, D. Maria de Lourdes de Vasconcelos e Sousa Perestrelo, D. Vera Cohen Perestrelo de Vasconcelos, D. Henriqueta Garcia da Silva Serra, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria Carlota Alves de Carvalho, D. Raquel Vieira de Matos e filha D. Ondine; madame Melo Borges, D. Maria da Conceição de Carvalho Rica de Melo Borges, D. Maria Amelia Lucas Torres de Farinha, D. Francisca e D. Maria Luisa de Noronha (Paraty), D. Lucia Pessoa, D. Alice Barreiros Pinto Ferreira, D. Maria Luisa Beires do Vale Nunes da Silva, D. Alice Burnay, D. Laura Barbosa da Cunha Soto Maior, mesdemoiselles Castro e Silva, etc.

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã de tarde na tradicional «matinée» do Cinema Condes, onde se exibe um novo episodio da magnifica pelicula em séries «Os três mosqueteiros».

Em viagem

Com sua esposa a senhora D. Maria Gomes Moreira de Carvalho, partiu para o Bussaco o sr. Aires de Carvalho.

—Está em Lisboa, vindo da sua quinta, perto de Coimbra, o sr. Antonio de Gusmão de Moura.

—Com sua esposa a senhora D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e seus gentis filhinhos deve partir no proximo mês, para a sua casa na Figueira da Foz, o sr. dr. Antonio de Azevedo.

—A bordo do paquete «Cap Polonio» partiu hoje com sua esposa, a senhora D. Maria do Espirito Santo Silva de Melo, para o Rio de Janeiro, o ilustre clinico sr. dr. Carlos da Cruz e Melo.

—No mesmo paquete seguiu tambem para o Rio de Janeiro, com sua esposa, a senhora D. Ana Maria de Barros de Morais e seus gentis filhinhos, o sr. Vitór de Morais.

Festa de homenagem

Cada vez é maior o interesse que está despertando a elegantissima festa de homenagem que na noite da proxima quinta-feira, 29 do corrente, se realiza no Cinema Condes, dedicada pela empresa aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redacção srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques. Pelas gerais simpatias de que gosam os festejados não será dificil prever que nessa noite tudo que de melhor conta a nossa aristocracia aí dará «rendez-vous».

Começamos hoje a publicação dos nomes das pessoas que já têm bilhetes marcados para a elegantissima festa:

D. Maria José de Vilhena de Magalhães Coutinho, D. Maria Augusta de Sampaio Forjaz Trigueiros, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos, madame Martins de Freitas, D. Maria Amelia Burnay de Macedo de Sande e Castro, madame Martinho de Almeida, madame Castelo Branco, madame Mendonça, Raul Costa, etc., etc.

A'manhã ou depois publicaremos o programa que está sendo organizado pelo sr. José Castelo Lopes com verdadeiro gosto artistico no qual figurarão as melhores produções da cinematografia actual.

OS QUE TOMAM IODONAL NÃO COMEM, DEVORAM!

TÓNICO PODEROSO PARA CRIANÇAS

Superior ao óleo de bacalhau e emulsões

INDICADO DIARIAMENTE PELOS MÉDICOS ESPECIALISTAS SENHORES DOUTORES: MELO E FARO, LEITE LAGE, SALAZAR DE SOUSA, LEONEL DE MACEDO, ETC.

FARMÁCIA FORMOSINHO

Praça dos Restauradores, 18

Teatro Chiado Terrasse

— HOJE — ás 8 1|2 e 10 1|2 —

Estreia de CINCO NUMEROS na consagrada revista

Tiro ao alvo!

— genero parisiense —

Graça — Deslumbramento e riqueza

O mais alegre teatro de Lisboa

POLITEAMA

Empresa Luis Pereira

Telef. N. 3028 A's 21,30

Ultimas representações da peça portuguesa de grande sucesso

Entre Giestas

APOLO Telef. N.-4.129

HOJE — O melhor espectaculo da actualidade

A deslumbrantissima fantasia

A VIDA

22 quadros do maior brilhantismo e aparato. No gracioso quadro d'O GRANDE CIRCO: Deolinda Sayal, no «trapezio» — Alda Teixeira, na «patinadora» — Candida Rosa, na «equilibrista» — Evangelina Bastos, no «Jockey» — Guilhermina Paula e Zulmira Vargas, nos «arlequins» — Alberto Miranda, no «Faz tudo»

PERMANENTE GARGALHADA

A França aterrorisada

Danton e Robespierre no Coliseu

«Mostra a minha cabeça ao povo, olha que merece a pena», foi a ultima frase de Danton na ocasião em que se preparava para o terrivel golpe da guilhotina e cuja morte foi o crime inexpiavel de Robespierre e dos seus amigos no numero dos quais figurava o feroz sanguinario Saint Just. Mostrar essas cenas de terror, de despotismo e de crueldade foi a tarefa que se impoz a Empreza Cinema Lt.ª que não se poupou a esforços para apresentar no magnifico «film» *Danton*, que âmanhã se exibe no Coliseu dos Recreios, as fases mais empolgantes da Revolução Francesa cujos personagens são maravilhosamente desenhadas e cheias de uma verdade que assombram.

O «film» *Danton*, que é um dos grandes sucessos animatograficos, vai causar em Lisboa uma extraordinaria sensação.

Grande Café de Italia

DÉJEUNERS

A' PRIX FIXE ET A' LA CARTE

Esmerado serviço de chá, chocolate e torradas

Rua 1.º de Dezembro

UMA HISTORIA BREVE

SANTO ANTONIO

DA CAPELA DA CIDADELA DE CASCAIS Á BATALHA DO BUSSACO

O major Sousa Escrivanis, e a proclamação da Republica

Sr. director: — Numa entrevista concedida ao *Diario de Lisboa* pelo ilustre deputado sr. dr. Lino Neto, lamentou este sr. que se encontre fechada a igreja de Santo Antonio de Lisboa, não logrando nacionais e estrangeiros visitar o local que se diz ter sido berço do popular taumaturgo, tradição escrita que de muito longe vem, pois vejo que já o intruso rei, Filipe II, a ela se referiu em 1559, em carta dirigida ao senado de Lisboa, publicada nos *Elementos para a historia do municipio de Lisboa,* (vol. 2.º, pag. 128).

Entende o referido advogado que a casa do santo se deve transformar em museu, onde apenas se recolham elementos a Santo Antonio referentes.

Vem a pêlo referir a historia, acidentada e interessante, duma imagem desse santo, que em tal museu devia dar entrada.

Na capela da cidadela de Cascais existia, por ocasião da guerra peninsular, uma imagem de Santo Antonio, venerada pelo povo e pela guarnição da praça — o regimento de infantaria 19 — que muitos milagres lhe atribuiam, trazendo os soldados, nas caixas e mochilas, o registro do seu patrono.

Em 1810, determinado que o regimento de Cascais marchasse para o Bussaco, onde o exercito anglo-luso ia pôr dique á invasão francesa, pediram os soldados do 19 ao seu comandante — o então coronel Luís Ignacio Xavier Palmeirim — que a imagem do santo acompanhasse á guerra o regimento de que era protectora.

Concedida a licença, para logo se arranjou uma mulasinha branca, arreada de novo, onde a imagem (escultura de madeira de meio metro de altura) foi instalada, e lá se foi, com outros, o regimento de bisonhos, soldados portugueses, a tolher o passo ás aguerridas hostes do grande Napoleão. Ia, porém, cheio de confiança — levava na frente, com a devida guarda de honra, o santo protector, que o regimento livraria de revezes. Pitoresco quadro!

Estamos vendo, comtudo, alguns sorrisós desdenhosos dos que, não compreendendo a fé, tão pouco vêem a poesia, e talvez ainda a intenção reservada, que cercou o interessante facto: satisfazer e animar os soldados era bem a tactica que na ocasião se impunha.

A' famosa Batalha do Bussaco foi, pois, levado o santo, que entrou na célebre e tão citada carga do 19 de infantaria, que destroçou e poz em confusão o inimigo, encontrando-se ainda o santo na batalha do dia seguinte, nas acções dos Pyrinéus, de Fuentes de Oñoro e Salamanca, na armada de Badajoz, etc. Tendo a imagem chegado a ser tomada pelos francezes, voltou, após viva refrega, ás mãos dos portuguêses.

Terminada a guerra, abatidas, finalmente, as aguias napoleonicas, distribuidas as recompensas, foi a imagem de Santo Antonio oficialmente condecorada com a cruz d'ouro, algarismo n.º 5, comemorativa da batalha do Bussaco, em que entrára, distinção egual á que foi conferida ao coronel Palmeirim, comandante do regimento.

Não ha que pôr reparos: na condecoração da imagem: «Todos filhos do seu tempo», já dizia o poeta...

Só em 1814, assignada a paz com a França, voltou a Cascais o regimento de infantaria 19, e com ele o santo condecorado, que dos baldões dos campos de batalha tornava á quietação da sua capela, d'onde só veio a sair em 1895, para figurar, com honras especiais, na procissão realisada em Lisboa, por ocasião do centenario. Não estavam, porém, fechadas as suas aventuras. Proclamada a Republica, desapareceu o Santo Antonio da cidadela de Cascais...

Mêses depois, erá eu procurado pelo major reformado Sousa Escrivanis, já então bastante edoso, que ao tempo da proclamação era governador da cidadela. Confidenciava-me que, com receio de ser desrespeitado, abandonára a praça de Cascais, por ocasião da revolução, e que, escondidamente, trouxera comsigo a imagem de Santo Antonio, por temer, tambem, que viesse a ser desacatada; que a tinha a bom recato, em sua casa, em Lisboa, com lampada acesa e o respeito devido.

Procurava-me, na minha qualidade de neto do marechal Palmeirim, pois dizia sentir-se doente e recear que a morte o surpreendesse sem deixar em mãos de confiança «aquele deposito sagrado». Entendia que em meu poder, como descendente de quem consentira na ida do santo á batalha do Bussaco, bem ficaria a venerada imagem, reliquia historica de inestimavel valor.

Como se deve supôr, de bom grado acedi aos desejos do bondoso oficial, que me impunha um juramento solene: se a monarquia voltasse, eu reporia o santo na sua capela da cidadela.

Um mês, talvez, decorrido, voltava o major a procurar-me, preso de viva comoção; foi com a voz embargada pelas lagrimas que me estendeu um oficio, que recebera do ministerio da Guerra: era uma ordem formal para que o major Sousa Escrivanis entregasse a imagem de Santo Antonio, «que se sabia estar em seu poder», a fim de dar entrada na sala da Guerra Peninsular, do Museu do Arsenal do Exercito.

Procurei confortar o atribulado ancião, fazendo-lhe vêr que, de facto, a imagem bem estaria ali, num museu nacional, onde ficava assegurada a sua conservação. Não logrei convencê-lo.

Tempos depois, morria o major Escrivanis, a quem a Camara de Cascais, recentemente, rendeu homenagem, dando a uma das ruas da vila o nome do estimado oficial.

Quanto á imagem, lá se encontra com a sua venera ao peito, na sala da Guerra Peninsular, do citado museu, mas... colocada a um canto. sobre uma estante de livros!

A não se crear o museu especial, lembrado pelo sr. dr. Lino Neto, que fique o Santo Antonio no museu onde se encontra, mas em instalação condigna, tanto mais que — nota interessante — ainda mesmo ali, não o esqueceram os seus fieis: em certos dias lá vão senhoras ofertar-lhe flores... o que não faz mal a ninguem.

Fazendo este apelo, sr. director, estou de certo modo cumprindo a missão de que pretendeu investir-me o falecido major Escrivanis: defensor da historica imagem.

Se mofarem de mim... paciencia!

Já a voz autorizada de Alexandre Herculano clamou: «Quem não respeita as tradição, lá irá para onde o pague!». De.v. etc.

Julio Palmeirim

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346

TELEGRAMAS: --- GALVANICA

ARMADURAS ESTANQUE PARA ILUMINAÇÃO PUBLICA

KÖRTING & MATHIESEN A. G.

NACIONAL Telef. N. 3049

HOJE — Em pleno exito e em derradeiras despedidas — A encantadora peça

O CENTENARIO

FINAL DA TEMPORADA

A recita do camaroteiro GOUVEIA PINTO marcada para hoje, fica adiada para quando, novamente se anunciar

AVENIDA ás 21,15

O CONDE BARÃO

No 3.º acto a canção pela actriz Cremilda de Oliveira 38 rachão

4.ª feira 28 - Recita do Fiscal dos Porteiros

COLISEU DOS RECREIOS

HOJE — ás 20,30 (8 1|2 da noite) — HOJE

Espectaculo da moda

UNICA exibição de todo o extraordinario e emocionante «film» extraido do celebre romance de Zola

A TABERNA

O mais empolgante drama social

AMANHÃ

Estreia do surpreendentissimo «film» reproduzindo as cenas mais empolgantes da Revolução Francesa

DANTON

Formidavel sucesso animatografico

A'manhã no Condes

estreia-se o 3.º capitulo dos «Três mosqueteiros»

Os que têm seguido com tanto interesse as romanticas peripecias dos «Três mosqueteiros», a admiravel obra prima de Dumas, Pai, têm âmanhã ensejo de apreciarem no Condes o seu 3.º capitulo, que ali se estreia e mais aumentará o interesse do esplendido «film» tão luxuosamente posto em scena. No programa de hoje figura o 2.º capitulo dos «Três mosqueteiros», as deliciosas comedias «Um patinador de arromba» e «Suzana entre os bandidos» e o curioso «film» americano «Donde vem a felicidade».

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as

LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 4030 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51 — LISBOA

AGUAS DE SANTA MARTA

(ERICEIRA)

SÓ ELAS CURAM A TERRIVEL PRISÃO DE VENTRE, NO APARELHO DIGESTIVO-URINARIO E DOENÇAS DAS SENHORAS E PELE SÃO AS MELHORES

Vende-se em toda a parte

DEPOSITO GERAL: R. Afonso de Albuquerque, 4 (CRUZES DA SÉ)

LISBOA Telefone C. 2.659 LISBOA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Aquarela

A paisagem estava linda. Toda sol, penteadas de fresco as ramagens das arvores, todas com o seu toque de plumas ao alto. O vento tinha aroma; as rosas sorrisos a mais; os teus olhos estavam cheiinhos de ouro, ouro das tuas pupilas, ouro de luz. A agua, que sempre correra, parara, a ouvir a tua voz. Lançaste o primeiro verso da quadra e fechaste os olhos, já vista a paisagem, ouvindo agora o que a tua alma segredava.

Amor. Não? Sim? Se ele tinha começado no mesmo dia e andava ainda a ensaiar vôo, com as suas azas pequeninas, e inocentes, e lindas, cortadas cerçes, porque ainda te não beijara! Comi cerejas então, nas cerejas dos teus labios, ginjas, daquelas escuras e negras, nos teus olhos que eram outras ginjas, mais negras e mais escuras. Lembras-te? A tua mão nevada foi marmore na agua da fonte que voltara a falar. Não disse que te amava. Para quê? Se o não sabia dizer. Se dissesse quero-te, tu dirias não!

E foi a toada da agua dôce, corrente de beijos sem fim, sob o loendro rôxo, e o pintasilgo esbelto e poeta que se aninhara na ramagem, cantando, que disseram as palavras que eu te devia dizer. Ouvimo-las. Ouviste então a minha alma, tiveste então os teus dezesseis anos de amor.

A. P.

Prisão dum policia

Apreensão de 400 balas

O guarda 531, Lino Francisco, da esquadra do pateo de D. Fradique, foi preso por haver denuncia no comando da policia de que trazia na algibeira um retrato de D. Manuel, e que era socio das Juventudes Monarquicas Conservadoras. Passada uma rigorosa busca em sua casa, não lhe foi encontrado o referido retrato, mas apreenderam-lhe 400 balas e o cartão de identidade de socio das Juventudes, motivo por que se encontra no calabouço n.º 4.

Uma scena de tiros

De Antonio Sabino de Oliveira (o *19*), chefe de venda de jornais, recebemos uma carta onde diz que nunca foi da Preventiva e que não provocou o revolucionario Armando de Azevedo, tendo este disparado varios tiros contra ele. Dá como testemunhas os moradores da rua do Diario de Noticias, onde se deu a scena.

Dr. Julio Armando

Chegou de Loanda, vindo a bordo do «Portugal», o sr. dr. Julio Armando, procurador da Republica em Angola, que vem á metropole, de licença, a fim de tratar de assuntos da magistratura.

CAMBIOS

Dia 26

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	65$000	67$000
» Londres, cheque	4 1|32	4
» » 90 d. v.	4 3|32	—
Rio » Londres	7 9|16	—
» Paris	1$142	1$150
» Italia	633	638
» Belgica	1$086	1$095
» Suissa	2$561	2$698
» Espanha	2$100	2$116
» Berlim	$039	$042
» Hollanda	5$186	5$220
» Nova-York	13$573	13$679
Austria	1|2	1 1|2
Tx desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » Portugal	—	—
Agio do ouro	1.252	1.350

OURO
SÓ PELO PESO, SEM FEITIO
6, RUA DA PALMA, 12
UNICA CASA QUE TEM UM PAVÃO

O QUE OS PARTIDOS SABEM

AS ELEIÇÕES E OS ELEIÇOEIROS

O que são as «coelheiras» e o que foram as «chapeladas». — Fala o funcionario Dias Ferreira

A' laia de definição:

Eleições: Prato politico que agrada aos portuguesinhos com qualquer molho, principalmente o republicano. Ainda ha pouco tempo houve urnas abertas. Lutou-se a valer. Resam os jornais monarquicos das chapeladas daqueles que não lhé tiram o chapeu politico; os republicanos queixam-se do mesmo mal, aumentando a força do ataque. Mas sempre houve chapeladas, galopinagens, certidões falsas, cidadãos ou senhores que votam em duas ou três assembleias, quando não é em quatro, que vêm de Santarem a Lisboa, no mesmo dia, votando lá e votando cá. Os homens das leis e dos principios rigidos não gostam destas trapalhadas.

Que importa! A chapelada é uma coisa caracteristica, internacional, conhecida na Zelandia, na China, mesmo no Polo Norte, entre os esquimós. E' isso que dá interesse ás eleições, que serve de prato aos jornais. E' a principal razão dos vencidos, é mesmo a unica. Se não fossem as chapeladas!... Perdoemo-las, pois, sem concordarmos com elas.

Ora os monarquicos ultimamente têm-se queixado dos republicanos em materia que estamos tratando. Quem informa agora o *Diario de Lisboa* é o sr. Manuel Dias Ferreira, republicano velho, ainda que novo, e que é funcionario da Administração do 3.º bairro, rua Ivens, (tambem se lá fazem casamentos, mas é na repartição ao lado).

Ele diz, defendendo a sua situação de funcionario e pondo em foco a maneira imparcial como tem procedido no seu logar:

—Não tem fundamento nenhum a campanha feita pelos jornais monarquicos contra o recenseamento eleitoral.—Encolhendo os ombros:—Bem vê, politica no caso... Serve para efeitos de propaganda e manutenção do fogo sagrado dos partidos...

—Parece que houve certas negligencias na organisação do recenseamento actualmente em revisão... Negligencias que prejudicaram os monarquicos...

—Sim?!—estranha fortemente o sr. Dias Ferreira.—E' divertida a arguição. Mas, nesse caso, porque não recorrem os prejudicados para os tribunais?

Interrogando ainda:

—Porque não processam os deliquentes, se os ha? Porque não o fazem? E' esse o verdeiro caminho a seguir. A coisa é outra...

Esperámos a revelação:

— Pela minha parte, e estou certo que outro tanto farão os meus colegas dos restantes bairros, resolvi pôr termo a certas anomalias do recenseamento...

— A principal...

— São as chamadas «coelheiras». Pertençam a que partido pertencerem hão-de acabar...

O jornalista riu.

— Coelhas com muitos coelhinhos, hein?! De que se trata...

— São as falsas residencias. Ha quartos alugados propositadamente, mercearias conhecidas por onde se acham inscritos no recenseamento eleitoral varios individuos, álem das suas casas verdadeiras...

— Dois individuos e um só verdadeiro...

— O intuito é evidente: avolumar uma força politica que se não possue...

— Chama-se a isso...

— A pluralidade do voto que a lei não permite.

— E a politica permite.

—Mais anomalias...

—São tantas! 17 ou 18 anos que se transformam em 20; outros que deram moradas falsas residindo na provincia; atestados de residencia viciados; falsas declarações; e, finalmente, outros que, não sabendo escrever, ou pouco menos, cobriram a tinta requerimentos feitos previamente a lapis.

—Quais têm sido as suas providencias?

—Quando foi das ultimas eleições não me pronunciei porque havia recursos afectos ao poder judicial e, sem este se manifestar, não tinha o direito de classificar nem de referir casos que explicam a campanha contra os funcionarios recenseadores, só porque estes se não deixam ludibriar... E agora... só falarei se a isso fôr forçado.

—Ao menos um nome, um caso mais interessante.

—Tenha paciencia. O momento que passa é de concordia entre portugueses e não serei eu o primeiro a ferir essa nota discordante... Vá-se com esta... Por muito que se pretenda fazer acreditar ao publico em burlas eleitorais, a verdade é que, felizmente, para honra da Republica, estamos muito longe das chapeladas celebres do Peral e da Azambuja... Se a Republica enveredar por esse caminho —afirma o sr. Dias Ferreira, no seu pleno direito de manifestar opiniões, sendo entrevistado — eu, republicano de sempre, nem mais um minuto a serviria.

—Houve este ano muitas inscrições, dissemos, para dar á entrevista o interesse dos factos.

—Bastantes. Como há muito tempo se não via. Quinze mil quatrocentas e cincoenta e duas.

— Que pertencem?

— Dois terços aos republicanos; um terço aos monarquicos... Mas, se vier mais tarde, dar-lhe-hei numeros exactos. A inscrição só fecha em Julho.

—E nos outros anos?

— Notou-se uma indiferença completa dos partidos, excepção feita do monarquico que ha três anos trabalham no recenseamento com um afinco e persistencia verdadeiramente notaveis.

— Este ano?

— Sómente este ano, mais vale tarde do que nunca, é que os restantes partidos se aperceberam do perigo a que os conduzia a sua inercia em materia de organização eleitoral.

Tratamento da Tuberculose
Pela ALT-TUBERCULINA KOCH e tuberculina PIRQUET, oficialmente aprovadas pelo Estado Alemão
Emprego terapeutico Prova diagnostica
Exclusivos depositarios: RAUL VIEIRA, L.DA
RUA DA PRATA, 51—Tel. 3:586 e 2:194 C.

COMPETENCIA DE CRAVEIRA

As meninas dos telefones

A maior parte das que hoje responderam ao anuncio da Companhia não tinha os 155 cm. que lhe foram postos como condições

O anuncio marcava as 10 horas para a apresentação, na rua Andrade Côrvo, das meninas que, tendo 1,55 metros de altura e varios outros predicados necessarios, quizessem empregar-se na Companhia dos Telefones. Fomos lá tambem, crentes de que, dada a crise de desemprego que por aí vai, iriamos topar á porta da estação norte da The Anglo Portuguese Telephone Company com o espectaculo curioso de centenas de pretendentes, todas mais ou menos da mesma altura e todas de boa apresentação. como o tal anuncio exigia.

Pois querem vocês saber o que nós constatámos logo de entrada? Dentre as cento e tantas raparigas que foram oferecer-se, a maior parte nem um metro teriam de altura, quanto mais os 155 centimetros. Crianças, quasi todas, acompanhavam-nas pessoas de familia; e era uma tristeza vê-las saír desiludidas, coitadinhas, porque a maldita craveira as condenára lá em cima, no segundo andar, a regressar a casa sem emprego.

Muitas eram bonitas; mas via-se bem n'aqueles vultos franzinos como é tormentosa para elas a vida e quanta soma de miseria as levara alí esperançadas em que a sua ansia honesta de trabalhar, de se arrumarem n'um emprego que lhes garanta o pão, pudesse suprir a estatura que lhes falta. Mas quê?! Por mais que tentassem, as pobresinhas, erguer-se nos bicos dos pés de maneira que não se percebesse, não houvera meio de chegar com a cabeça lá acima, áquela barra maldita que lhes inutilizava todos os modestos planos de ventura...

Haviam de fazer um vestido novo, que aquele vai estando rôto á fôrça de o lavarem; e haviam de comprar, depois, com as economias, uns sapatos bonitos que estivessem na moda e tivessem os saltos em termos; e nos dias de folga iriam passear, muito contentes, com os pais; e, sempre era ter um logar garantido, sempre era ter um futuro... Quantas, até, não teriam sonhado já com a possibilidade de um casamento, toda a sua ambição de mulheres a visionar, mercê daquele emprego, um porvír todo cheio de encantos?! E tudo se perdia num momento só por causa de os seus corpos de crianças não corresponderem á medida das suas altas aspirações...

* * *

Saíam tristes, por isso. E uma delas—uma pequenita mnito palida, um vestidinho de chita branca a envolvê-la—vimo-la chorar cá fóra, com a mãe. E disse-nos porque chorava:

—Tenho minha mãe doente... meu pai desprezou-nos... somos quatro filhos... Eu o que queria era arranjar trabalho para ajudar a minha mãe...

—E disse isso lá em cima?

—Não disse; tive vergonha de chorar cá a minha vida diante das outras raparigas... Estava lá tanta gente...

— E agora?

—Agora, sei lá... Estou farta de pôr anuncios. Como não tenho pratica de escritorio, e não sei mais nada, porque andava no liceu, ninguem me dá que fazer.

* * *

As outras que tambem foram regeitadas, não conversámos com elas; mas deve ser assim, egual ou parecida, a sua historia.

E devem ter todas uma vontade muito grande de ser honestas; porque nós, depois, andámos a vêr como lá se trabalha, graças á inexcedivel amabilidade da inspectora de serviços sr.ª D. Piedade Pereira; e, francamente, ficou-nos a certeza de que, para ganhar tão pouco como elas ganham, as meninas dos Telefones só resistem a tão extenuante labuta se tiverem a encorajá-las uma teima fortissima, inabalavel, de ganhar a vida de maneira que não possam atingi-las, com verdade, as censuras do mundo.

E estamos nós, ás vezes, p'r'ahi, a dizer mal d'elas... Se vocês vissem o que são as suas 7 horas de trabalho...

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

A AVIAÇÃO PORTUGUESA

O "raid" aereo a Africa

Trata-se de um acto em que não deve intervir senão o Estado

porque é um acto de patriotismo que não precisa de favores

Três oficiais do exercito português, possuindo os seus *brevets* de aviadores pelas escolas especialisadas da America e da França, propõem-se realisar um *raid* aereo ao nosso emporio colonial, levando aos nossos irmãos que vivem longe do coração da Patria um pouco desta alma de Portugal, que vibra sempre dentro dos nossos peitos com aquele amor imaculado que se guarda no mais intimo sacrario das nossas afeições imorredouras. Portugueses que vivem na aleluia das cidades, em contacto permanente com a vida, paredes meias da civilisação; portugueses que moirejam de sol a sol o pão de cada dia e amealham o resultado do seu esforço titanico para poderem um dia regressar ao berço,—nos sertões africanos ou nas longinquas paragens asiaticas, — todos sentem que, acima das suas ambições e das suas paixões passageiras, e efemeras, se levanta a hostia sacrosanta deste sol que a todos iluminou na primeira hora, em que abriram os olhos á luz da sua terra, porque a ela ficou apegado o teu coração e nele cantam todas as virtudes e todas as belezas da raça.

O *Diario de Lisboa*, que reflete—temos orgulho em o afirmar bem alto—o sentimento do povo lusitano neste largo minuto de gloria e de esplendor, desde o seu director até ao mais humilde dos seus cooperadores, companheiros na mesma grata tarefa, aplaude fervorosamente a ideia dos três arrojados aviadores, que aparece exactamente no minuto decisivo da nossa supremacia dos ares. Depois do mais alto feito scientifico que a historia regista em nossos dias, levando a todos os recantos do mundo os nomes aureolados de Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a viagem aérea ás colonias portuguesas deve erguer ainda mais, se possivel é, o nome de Portugal aos olhos maravilhados da humanidade inteira.

Trata-se de um acto em que, a nosso vêr, não deve intervir senão o Estado, com todos os recursos de que dispõe, porque é um acto de patriotismo que não precisa de mendigar a benemerencia de particulares, seja ela de que natureza fôr. Não pode, pois, o governo alheiar-se da questão, procurando por todas as formas dar-lhe vida, insuflar-lhe alento, oferecendo todos os meios de que dispõe para que essa viagem se efective no mais curto espaço de tempo, tanto mais que estamos passando uma hora grave de crise colonial.

Não é boda lauta a mesa do tesouro publico, bem o sabemos; mas a verdade é que é necessario semear para colher e ao Estado, mais do que a ninguem, cumpre estar atento, nas suas largas vistas de previsão, a tudo o que seja exalçar o prestigio da Nação, animando os que, de boa vontade e por amor da sciencia e da Patria, pretendem fazer de Portugal um país de gigantes, como ele já foi, dando ao mundo mais uma alta demonstração do vigor e da mentalidade da raça.

José Sarmento

MARCELO GHEKIERE

Porque o *Diario de Lisboa* me acompanhou, piedosamente, na quadra torturante da doença do meu idolatrado filho, quero dizer publicamente que muito me sensibilisou essa generosa atitude.

Deixe-me tambem aproveitar o ensejo para agradecer aos meus camaradas, no teatro e nas letras, assim como ao publico anonimo que de toda a parte de Portugal se interessou pela sorte do meu querido filho.

Mercedes Blasco.

Limpeza e conservação do calçado obtem-se uzando o CREME CRISTALINO

Sapataria Contente, L.da

74, RUA DO CARMO, 74

NO CONVENTO DOS BERNARDOS

A BOA-HORA

VISTA POR DENTRO

A PARTE PITORESCA DO SEU EDIFICIO E O TRAFEGO DO CRIME. — O PALACIO DA JUSTIÇA NA ROTUNDA

A Boa Hora anda a envelhecer há meia duzia de lustres. Nunca chegou a ter idade; só camada de tinta amarela entre o fenestramento e o telhado. Quem vê o edificio do Largo, ao correr da rua Nova do Almada, e seja provinciano ou peregrino de estranhos países, não cuida que aquilo se alarga lá por dentro na Comarca Judicial de Lisboa, que tem ao todo seis varas civis; duas comerciais; três distritos criminais; mais quatro de investigação e ainda uma repartição de registo criminal. Dentro da Boa Hora existem 43 cartorios, calabouços, um claustro de arcarias, salas de tribunal, corredores e escaninhos que tanto nos podem conduzir á calçada de S. Francisco como aos subterraneos de lagedo humido onde ainda ecôam passadas de frades. Porque aquilo foi dos frades bernardos e devia ter seus hortejos e sua cisterna, hoje reduzida a um passo de garganta de fonte bem diminuto.

A Boa Hora envelhece cheia de pó, de processos, de presos, sempre com os mesmos escrivães de passos miudinhos, lentos, que se perdem nas malhas de processos que não têm fim.

Logo de manhã, com a madrugada de sol a caír claro no lagêdo do patio e o cantarolar dos presos que vão a culpas, aquilo anima-se. São os oficiais de diligencias, que têm um ouvido esperto para certos segredinhos e apertos de mão, de mão não vazia; mulheres que usam alcunhas com mais donaire de que titulos e têm registos por todos os livros; advogados que preparam a eloquencia, a grandes passadas, ao longo dos claustros; emfim, de todos aqueles para quem o crime ou é uma culpa ou é um modo de fazer a vida, ganhando-a.

Nunca ali ouvi chorar. Nem mesmo quando a sentença fala em degredo! Porquê? Não ha grades; a policia está ausente e o sol, se é verão, é sempre limpido e quente, nas taboas de Moisés.

* * *

Os cartorios são acanhados. Transformaram-se as antigas celas dos frades em secretarias da lei. Muito fôrro de processos, que os ratos vão incinerando lentamente, minguando assim as grandes causas da paixão e do crime, do roubo e da protervia, em pouquidades irrisorias. O tempo ajuda o incendio... Nos cartorios só estão agora os processos de 1910 para cá.

Mas a população do crime não diminue. Cresce, multiplica-se, como queria Cristo, para os homens bons. O crime tem prole. Se fôsse arvore, as ramagens chegariam ao ceu e as raízes seriam maiores e mais continuas que os cursos dos rios em demanda de mar. Assim, em 1920, foram distribuidos nos três distritos criminais da Boa Hora 726 processos, a que corresponde pena maior! Sobre pequenos delitos, é melhor não falar! Dois mil trezentos e vinte cinco processos correram nas mesmas instancias ha dois anos. Como vêem, nisto somos grandes... Porque dos pequenos não resa a historia, filosofarão os que se sentam no pinho dos reus.

* * *

Digam lá o que disserem: a Boa-Hora, apesar de velha, têm a sua beleza. E' como um tronco velho que reverdece de plumagens de aves e de plumagens de folhas, mal a primavera entra a cortar a geada e a desnevar as fontes. Tem ainda os azulejos do convento, de fabrica muito antiga; uma ou outra peça de mobiliario remendada, perdido já o dourado da talha. E' agora o logar, cadeira curule de algum jurado comerciante... E tudo a lembrar o antigo. Já não ha sandalias de frades, mas ha passos abafados da lei; os habitos, voltaram-se em becas; e a livraria de «in-folios», inconabulos, missais e historias de carmelitas descalços onde a alma humana sempre tinha pacto com o inferno e surgia alfim pura, ainda que coberta de cinzas, das sombras do pecado, suprimiu-a o papel selado das custas e processos, carregado de culpas e de sentenças.

Mas nunca se pensou em deitar abaixo o casarão da Boa-Hora? Ora! Quantas vezes! Nem tem conta! Pareceres e projectos aos pares. O mais recente é do sr. Raul Portela. Com uma pequena sobretaxa em tudo quanto fôsse papel e selo das leis, conseguia-se um fundo, destinado ao Palacio da Justiça. Os caboucos, se não estamos em erro, já estão abertos e as meias paredes já estão levantadas no Parque Eduardo VII. São contemporaneos duma presumivel estatua pombalina, no presumivel e provavel terreno, ali á Rotunda.

O JORNAL

de Machado Santos

sai, pela ultima vez, no domingo

Um grupo de antigos colaboradores do jornal «O Intransigente» em homenagem ao seu fundador, o malogrado vice-almirante Machado Santos, resolveu, de acordo com o seu antigo administrador, fazer publicar no proximo domingo 2 de julho, dia em que se realiza a recita de homenagem no Coliseu dos Recreios, o ultimo numero de «O Intrasigente», revertendo o produto liquido do venda a favor do cofre da Comissão do Mausoleu a exigir no cemitorio do Alto de S. João. Entre os colaboradores deste numero unico, figura s. ex.ª o sr. presidente da Republica, Boto Machado, Antonio Maria da Silva, Melo Simas, D. Maria O'Neill, dr. Joaquim Madureira, Gomes de Carvalho, Jaime de Castro, José Lucio Serejo, Luis Derouet, Urbano Rodrigues, etc. etc.

GATUNOS DE «MOSCO»

Um roubo na rua do Lumiar

Os gatunos entraram por meio de arrombamento na residencia do sr. Henrique de Bensaude, na rua do Lumiar, 54, onde praticaram um roubo importante, cujo valor ainda se ignora, em consequencia do seu proprietario se encontrar ausente.

O JOGO

na cidadela de Cascais

A acção do seu administrador

No gabinete dos reporters do governo civil, foi recebido o seguinte telegrama:

«CASCAIS, 26, ás 10,5.—As comissões politicas do P. R. P. do concelho de Cascais, reunidas em sessão plenaria, protestam energicamente contra as noticias tendenciosas contra o administrador, pelo encerramento das casas de jogo, dando todo o apoio ás suas medidas de moralidade.—(a) *Comissão politica.*

Café Restaurant Roma

(Antiga Flôr de S. Roque)

100 — RUA DO MUNDO — 104

Optimo serviço á lista.

Almoços e jantares de mesa redonda.

Fornece serviços completos de «lunchs», jantares e «soirées», etc.—Excelentes gabinetes.—Telefone 4:520-Norte.

—— Preços sem competencia ——

Os Teatros

Lucilia Simões no Rio de Janeiro

O jornal O Paiz, *do Rio de Janeiro, de 26 de maio, ocupa-se da estreia da companhia Lucilia Simões, no Palacio-Teatro, com a peça* Mulher sem importancia, *perante uma formidavel enchente, do melhor publico carioca, cheio de curiosidade, e que saudou aquela artista vibrante e calorosamente. Abriu o espectaculo o sr. Antonio Ferro, director da* Ilustração Portuguesa, *que fez uma conferencia, chamando-lhe* O Paiz *um dos mais brilhantes talentos da mocidade literaria portuguesa e referindo-se d'este modo á sua palestra:*

Não era muito propicia a atmosfera para uma conferencia. A platéa, impaciente pela representação, não via com muita simpatia que lhe retardassem a satisfação da sua curiosidade; mas o brilho da palavra do distinto homem de letras conseguiu *empoigner* a assistencia, que o ouviu com religiosa atenção. Começou o sr. Antonio Ferro a sua palestra por um gentil panegirico ao Brazil; passando, depois, a falar dos artistas da companhia, definiu as qualidades de cada um, e concluiu por uma eloquente exaltação ao Portugal que trabalha, que progride, que renasce.

De palavra facil e elegante, o sr. Antonio Ferro impressionou bem o auditorio, que o aplaudiu calorosamente.

Depois O Paiz *refere-se á peça* Mulher sem importancia, *descrevendo o seu enredo e, no tocante ao seu desempenho, diz:*

Lucilia foi a torturada Raquel. E como ela a interpretou, com que poder de tecnica. E que admiravel verdade naquele jorrar de sentimento, sem gritos, sem gesticulação, muito concentrada na sua dôr, muito humana. Representar assim é chegar ao maximo da perfeição.

Temos em segundo logar Ribeiro Lopes, no *lord* Illings, dando bem o feitio impassivel do cinico aristocrata, e dizendo, com a justa intensão, a grande copia de ironias e sarcasmos com que o *lord* matisa a sua conversação.

Lucinda Simões, inexcedivel de bonhomia na duqueza Hustaton. Brumilda Judice, muito gentil, dizendo com inteligencia o gracioso papel de *miss Allamby*. Erico Braga tem trabalho facil. E' actor com qualidades para maiores cometimentos. Sobresairam ainda no harmonioso conjuncto, que causou a melhor impressão, Amelia Pereira e Georgina Cordeiro, na *miss Ester*.

"A Revista de Praxédes" no teatro S. Luís

Deve subir esta semana á scena no teatro de S. Luis, a nova peça de André Brun «A Revista de Praxédes». A fantasia-revista do autor do «Salão Tesouro Velho» «Consultorio intrujopatico», «Revista de Cupido», «A crise do amor», «País do Vinho Cocorocó», «Pó de Perlimpimpim», «Fado e Maxixe», «D'alto a baixo», «Não desfazendo», «1916», para não citarmos senão as suas peças do genero, é posta em scena com o maior brilho de ensenação, riqueza de guarda-roupa e acessorios e a parte scenografica é da autoria dos nossos melhores pintores teatrais.

Constitui um espectaculo inteiro e os seu dois actos dividem-se em vinte e um quadros intitulados:

1.º acto—*1.º, A milessima segunda noite; 2.º, A ultima historia; 3.º, Rua de S. João dos Bem Casados; 4.º, Dois dedos de conversa; 5.º, Suave milagre; 6.º, A caminho; 7.º, Lisboa, Cais da Europa.*

2.º acto—*8.º, Quo vadis, Praxédes?; 9.º, A nossa terra; 10.º, O derrete; 11.º, A lareira; 12.º, Sangue de Cristo; 13.º, A alma alegre a cantar...; 14.º, Baladas da neve; 15.º, Terras de pão; 16.º, Frente ao mar; 17.º, O cirio e o arraial; 18.º, Dize tu, direi eu...; 19.º, Amanhã; 20.º, Comentario final; 21.º, Portugal em flôr.*

No seu desempenho entram dezenove artistas, oito discipulas, trinta e duas coristas, duas primeiras bailarinas, doze segundas bailarinas, dez figurantes homens e oito figurantes crianças. O guarda-roupa comporta trezentos e vinte e cinco fatos de fantasia e a musica compõe-se de quarenta numeros, dos quais doze são coordenados.

Atrás do reposteiro

Os ilustres escritores Raul Brandão e Jaime Cortezão estão trabalhando numa peça de grande espectaculo para a proxima epoca de inverno.

—Está definitivamente marcada para depois de ámanhã, no Avenida Parque, a inauguração do teatro Maria Vitoria, com a «première» da revista «Lua Nova».

—Na festa de Manuel das Neves, nosso presado colega de imprensa e secretario reclamista do Politeama, que se realiza depois de ámanhã, tomam parte, num acto de variedades, a distinta violinista amadora D. Maria Octavia Miranda de Sousa, o baritono amador Carlos Eurico e as actrizes Amelia Colaço e Angela Pinto.

—A recita do camaroteiro do Nacional, Gouveia Pinto que devia realizar-se hoje, ficou adiada, por motivo de doença da actriz Helena de Castro, para o dia 29 do corrente. Por esse facto representa-se, ali, hoje, novamente, a peça «O Centenario».

—Está em Lisboa o sr. Raul Caldevilla, director da Empresa Caldevilla-Film, que vem tratar de filmagem do romance «Pupilas do sr. reitor.»

—As actrizes Anita Salambó, Maria Litaly e Maria Laura tambem farão parte da companhia que os empresarios Antonio Castro e Antonio Macedo tencionam organizar para o Sá de Bandeira, do Porto, onde vai ser montada uma revista dos mesmos autores do «Tiro ao alvo e Piparote», aproveitando-se parte do luxuoso material da revista «Talisman», que se representou no Eden.

ELECTRICIDADE PORTATIL

CASA TRIUNFO

Rua Augusta, 72 e 74
LISBOA

Lampadas d'algibeira, Bu-tões, Tarches, Lanternas para trazer na mão. Pilhas e baterias

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

Esta casa é incontestavelmente a mais bem fornecida

Sapataria Contente, L.da

Grande liquidação semestral

Saldo de calçados finos

RUA DO CARMO, 74

FUERTES, LIMITADA

Secção de leilões e liquidações

62--P. DOS RESTAURADORES--68

TELEFONE—NORTE 3171

Liquidações de fabricas, oficinas, casas particulares, espolios e stocks de mercadorias em armazem e na Alfandega

Leilões nos domicilios—Venda em leilão e em particular no salão de vendas, para o que recebe moveis, objectos de arte, antiguidades, etc.

Venda de propriedades em leilão e em particular

COMISSÕES REDUZIDAS, LIQUIDAÇÕES EM 24 HORAS

Banco Industrial Português

Séde em Lisboa: RUA AUGUSTA, 114

CAPITAL AUTORIZADO 50.000:000$ LISBOA CAPITAL REALIZADO 5.000:000$

Operações — Descontos — Transferencias — Emprestimos e creditos em conta corrente—Compra e venda de cambiais—Cartas de credito sobre o país e estrangeiro—Depositos á ordem e a praso—Guarda de titulos—Aluguer de cofres (casa Fichet, Paris)

FILIAIS: PORTO—COIMBRA—VIANA DO CASTELO—SANTAREM—FARO E PONTA DELGADA

Correspondentes: Nas principais terras do país e em todas as praças do estrangeiro

Obras de TEOFILO BRAGA

Bocage, sua vida e época literaria	$60
Curso de historia de literatura portuguesa	3$50
Dissolução do sistema monarquico constitucional	$40
Historia do romantismo em Portugal	2$50
Historia universal, 2 volumes	4$00
Miragens seculares	1$20
Quarenta anos de vida literaria	1$50
Questões de literatura e arte portuguesa	3$50
Soluções positivas da politica portuguesa, 3 volumes	1$50

Á venda na EMPRESA LITERARIA FLUMINENSE, LIMITADA — Rua dos Retrozeiros, 125, 1.°

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e erupções.

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas eczemas, crostas, chagas, acné, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as causadas por mordeduras de insectos. Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Passos Manuel, 65.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

COMPANHIA PORTUGUESA DE CEREAES

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL { Autorizado Esc. 5:000.000$00 / Realizado Esc. 1:000.000$00

ESCRITORIOS
Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.° e 2.°
LISBOA
Tele{fone: Central 3390 / gramas: «CEREAES»

ARMAZENS
A—Rua Vieira da Silva, 115—LISBOA
B—Largo S. Antonio da Sé, 22—LISBOA
C—Rua Miguel Pais, 9—BARREIRO

VENDEM
AOS MELHORES PREÇOS DO MERCADO
CEREAES E LEGUMES

Saraiva, Costa & Santos, L.da

COM OURIVESARIA E JOALHARIA NA

Rua Eugenio dos Santos, 44

(Vulgo Portas de Santo Antão)

Compram prata, ouro e pedras preciosas pelo melhor preço do mercado.

Tambem compram cautelas dos Monte-Pios por maior que seja o seu valor.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Sociedade Anonima

Estatutos de 30 de Novembro de 1894

Esta Companhia recebe propostas até 27 do corrente para o fornecimento de dez-mil toneladas de carvão Cardiff para entrega durante o mês de Julho proximo futuro.

As condições do fornecimento estão patentes na Divisão do Material e Tracção (Serviço dos Armazens) no edificio da estação de Santa Apolonia.

Lisboa, 13 de Junho de 1922. — O Director Geral da Companhia — (a) *Ferreira de Mesquita.*

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

ARTIGOS DE ESCRITORIO E DE FANTASIA — LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇÃO

Tintas e material para :—: desenhadores :—:

Papeis continuos, tela, vegetal e Marion para desenho

Canetas com tinta—Caixas de papel de luxo

Executam-se trabalhos tipograficos e litograficos

Timbragens a relevo—Encadernações simples e de luxo

PREÇOS MODICOS

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38—LISBOA

Clodoveu Mendes

Comissões

Consignações e representações

Material electrico

Rua do Arco Bandeira, 70, 3.°

LISBOA

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

COISAS RUSSAS

531.000.000

de rublos (ouro) devem a Inglaterra, a França e a Suecia Á RUSSIA?

O governo sovietista reclama a entrega das quantias que o czar Nicolau depositou nos bancos da Europa

LONDRES, 26

O governo sovietista vai encarregar a delegação russa que se encontra na cidade de Haia de reclamar a restituição das quantias que o czar tinha depositado nos bancos estrangeiros.

Segundo os documentos que estão na mão do comissario do povo, o ministro da Fazenda Imperial e o governo czarista tinha colocado 310 milhões de rublos (ouro) no Banco de Londres e 116 milhões no de Paris e 115 milhões no de Stocolmo.—*(Diario de Lisboa).*

Tzwrup vai substituir Lenine

COPENHAGUE, 26.

O jornais publicam um telegrama de Moscou dizendo que o conselho dos comissarios do povo concedeu uma licença a Lenine para convalescer até á proxima primavera.

Lenine vai ser substituido na sua ausencia pelo comissario Tzwrup. — *(Diario de Lisboa).*

Lenine melhora

BERLIM, 26.

O comissario russo Krestinsky declaroa que Lenine melhora rapidamente e que é de esperar que a sua saude esteja restabelecida dentro de pouco tempo, não lhe deixando a doença o mais pequeno vestigio.—(Diario de Lisboa).

Economia e higiene no calçado
obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

Uma chavena de cacau da
S. I. C.
equivale, como alimento, a 5 chavenas de café!
Além d'isso o cacau beneficia a saude e o café prejudica-a

UM CRIME POLITICO

COMO FOI ASSASSINADO 'O MARECHAL WILSON

TREZ IRLANDESES DISPARAM OS SEUS REVOLVERS SOBRE O SEU ANTIGO CHEFE DO ESTADO MAIOR IMPERIAL, MATANDO-O AO SEGUNDO TIRO :: ::

Henry Wilson, marechal, antigo chefe do exercito imperial inglês, foi assassinado a tiros de revolver na tarde de 22, quando entrava para a sua residencia, em Londres.

Wilson era um irlandês protestante e irlandeses são os seus assassinos.

A noticia do assassinio espalhou-se rapidamente em Londres, causando uma profunda impressão, não só porque Wilson era uma figura muito popular, mas ainda porque se receia que este crime seja seguido de outros de caracter politico.

O marechal Wilson estivera há pouco tempo em Belfast, onde habitava depois da sua reforma, tendo tambem um outro domicilio em Londres.

Wilson encontrava-se na capital de Inglaterra para assistir ás festas em honra do principe de Gales que há pouco regressou da India. No dia em que foi assassinado, Wilson tinha assistido á inauguração dum monumento em honra dos ferroviarios mortos na guerra. Wilson presidiu á cerimonia de grande uniforme, tendo pronunciado um discurso e recitado uma poesia de Kypling.

* * *

Como se deu o assassinio: Wilson, logo que a cerimonia terminou, tomou um automovel, dirigindo-se para a sua casa onde chegou pelas 15 horas. Tinha apenas pizado os dois primeiros degraus da escada e preparava-se para abrir a porta quando cinco balas explodiram com fragor. A' primeira, Wilson baixou a cabeça, mas o segundo projectil atingiu-o em cheio, na cabeça. Transportado para a sua casa por uns populares que tinham ouvido o estampido dos tiros, Wilson faleceu pouco depois.

***

Dois ou três homens foram vistos horas antes, vigiando a casa do marechal, afirmando uma senhora que eles trocavam frequentemente impressões entre si. Os dois assassinos—o terceiro não foi preso—logo que viram chegar o marechal, atravessaram lentamente a rua e colocaram-se no passeio oposto, a dois metros de Wilson. Depois de terem disparado os seus revolvers, fugiram perseguidos por um policia que guardava o marechal e por um «dectetive». A perseguição foi animada, entrando nela muitos populares. Estalaram mais tiros, disparados pelos perseguidos.

Um dos fugitivos recebeu um formidavel soco dum policia, tombando imediatamente. O outro tentou subir para o camion dum leiteiro, mas este arremessou-lhe uma garrafa á cabeça, caindo o assassino na rua com a cara cheia de sangue, segurando sempre o revolver. Foi preso imediatamente. O povo tentou linchar os dois criminosos que foram conduzidos ao posto da policia, onde declararam chamar-se James O'Brien e Patrick O'Connolly. Nos bolsos foram-lhe encontradas muitas brochuras republicanas.

Durante a perseguição, um dos policias foi atingido por uma bala no ventre, falecendo horas depois. Ha mais feridos, mas sem gravidade.

O marechal Wilson entrou na guerra, onde desempenhou um logar importante e era grande amigo de Foch.

PRATAS PORTUGUESAS
Em todos os generos e de todas as epocas, de desenho e execução dos nossos melhores artistas. O maior sortido da actualidade com preços estabelecidos no firme proposito de provocar confrontos. Rua do Amparo, 106, 106-A e 108. N. B. Casa com esta taboleta:
OURIVESARIA
NASCIMENTO & PINTO
Telefone N. 5119

TITULOS E COUPONS
NACIONAIS E ESTRANGEIROS
COUPONS Brasileiros, Argentinos e Chilenos
Compram desde já aos melhores preços
Pancada, Morais & C.ª
Rua Augusta, 37 (esquina da R. de S. Julião)

DOS ESTADOS UNIDOS

OS FILIPINOS

e a independencia Uma representação de 50.000 pessoas Á AMERICA

O presidente Harding diz que só quando o Parlamento se pronunciar dará uma resposta definitiva

WASHINGTON, 26

Uma enorme delegação de habitantes das ilhas Filipinas entregou ao Presidente Harding uma representação, assinada por cincoenta mil filipinos, pedindo imediatamente a independencia daquelas ilhas.

O Presidente Harding respondeu, num longo discurso, que no momento actual era impossivel ao governo americano aceder a tal pedido, mas que se comprometia a que o assunto seria estudado muito depressa para que houvesse uma resposta concreta, tanto mais que a questão tinha que ser estudada e discutida no parlamento.—*(Diario de Lisboa.)*

A MORTE DE RATHENAU

O protesto dos socialistas

BERLIM, 26

As reuniões de protesto contra a morte de Rathenau, que os socialistas realisaram em Lustgarten, foram muito concorridas e decorreram em perfeita ordem.—(H.)

OS GREGOS

e a cidade de Constantinopla

CONSTANTINOPLA, 26

A nota do governo de Angora protesta contra a utilisação helenica de Constantinopla como base naval contrariamente á neutralidade proclamada pelos aliados.—(L. A.)

O tratado de Santa Margarida

ROMA, 26

O ministro yugo-slavo envieu ao sub-secretario dos estrangeiros uma nota do seu governo contendo modificações ao tratado Santa Margarida relativas ás escolas italianas da Dalmacia e modificações relativas ás comunicações com Lara e territorio anexo. Crê-se que a resposta do governo italiano será conciliadora.—(L. A.)

A ordem de S. João de Jerusalem

POTSDAM, 26

Com a presença do marechal Hindenburgo e dos principes Eitel Frederico e Oscar Augusto Guilherme realisaram-se as festas dos cavaleiros de S. João de Jerusalem.—(H.)

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

Distribuição do relatorio

São prevenidos os srs. Acionistas desta Companhia de que o Relatorio do Conselho de Administração, relativo ao exercicio de 1920 e que deverá ser presente á Assembléa Geral Ordinaria convocada para o dia 30 de Junho corrente, está á disposição dos mesmos srs. Acionistas, na séde da Companhia, a partir de 12 do corrente.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses. — Lisboa, 9 de Junho de 1922. — O presidente do Conselho de Administração — *José A. Melo Sousa.*

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

UMA INICIATIVA

CONGRESSO DE Imprensa luso-espanhol

Ficou já constituida a comissão central dos jornalistas portugueses

Foi-nos enviada a seguinte nota, que publicamos gostosamente, como indicio de que o Congresso Luso-Espanhol vai ter uma realização tão digna quanto util aos dois paises:

«Tem continuado a reunir-se a comissão instaladora do Congresso de Imprensa Luso-Espanhol, que regista as adesões entusiasticas de jornalistas dos dois paises, e prepara a organização da comissão central, sob cujo espirito e orientação ha de funcionar o «comité» executivo, que substituirá a actual comissão instaladora.

Para a comissão central, que terá como presidentes de honra algumas personalidades eminentes dos dois países, foram já indicados nomes de jornalistas portugueses, tratando-se agora de completar essa lista com os nomes dos mais distintos jornalistas espanhois. Os nomes portugueses escolhidos, de directores de jornais, redactores profissionais, antigos jornalistas e correspondentes internacionais, são até agora os seguintes:

Magalhães Lima, presidente do Bureau Internacional; Alberto Bessa, Alexandre Vieira, Alfredo da Cunha, Augusto de Castro, Anibal Soares, Avelino de Almeida, Bento Carqueja, Eduardo Fernandes (Esculapio), Fernando de Sousa, Ferreira Martins, Ferreira de Mira, Guedes de Oliveira, Herculano Nunes, João Moreira de Almeida, Joaquim Manso, Jorge de Abreu, Anibal de Morais, Josué Benoliel, José Sarmento, D. José Paulo da Camara, José do Vale, Luis Derouet, Manuel Guimarães, Mario Salgueiro, Mario Reis, Norberto de Araujo, Nuno Simões, Octaviano de Sá, Pedro Muralha, Raposo de Oliveira, Raul Brandão, Ribeiro de Carvalho, Rafael Ferreira, Rodrigues Leal, Rocha Martins, Rocha Junior, Urbano Rodrigues, Vaz Passos, Alejo Carrera, D. Virginia Quaresma, Belo Redondo e Vieira da Rosa.

Esta comissão central será completada brevemente, devendo os seus componentes reunir-se na proxima sexta-feira, ás 18 horas, na Sociedade de Geografia, a fim de ser eleito ou indicado o «comité» executivo.

Da comissão instaladora, além do sr. dr. Magalhães Lima, fazem parte os presidentes das direcções da Associação dos Trabalhadores de Imprensa, Casa dos Jornalistas, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto e um jornalista, servindo de secretario».

Sabemos que o presidente da Associação da Imprensa Espanhola, o ilustre jornalista Francos Rodriguez, está empenhado com um selecto grupo de jornalistas espanhois na comparticipação pratica de toda a imprensa do país vizinho. Sabemos tambem que na lista faltam ainda alguns nomes portugueses.

O CONVENIO LUSO-TRANSVALIANO

OS NATURAIS DE MOÇAMBIQUE

Pelas 15 horas, uma numerosa comissão de naturais de Moçambique, residentes ou de passagem em Lisboa, procurou o sr. Rodrigues Gaspar, ministro das Colonias, a fim de lhe afirmar terminantemente a sua absoluta solidariedade com a atitude tomada na questão do Convenio.

Introduziu os manifestantes — entre os quais vimos os srs. dr. Mariano da Fonseca, João da Costa Carneiro, Jaime Teixeira, etc., etc.—o deputado sr. Delfim Costa.

Falou primeiro o sr. Mariano Machado.

O sr. Rodrigues Gaspar, visivelmente comovido, agradece tão espontanea manifestação que vem assegurar a absoluta solidariedade entre a colonia de Moçambique e a metropole, e elogia a acção dos nossos delegados.

Em seguida os manifestantes dirigiram-se ao Parlamento, a fim de o saudar nas pessoas dos presidentes das duas Camaras.

O 19 de Outubro

O juiz auditor do 2.º Tribunal Militar, sr. dr. Ribeiro Castanho, vai substituir o sr. dr. Almeida Ribeiro nas investigações dos acontecimentos de 19 de Outubro, visto aquele magistrado ter de dar entrada no Hospital Militar, na quarta ou quinta-feira, a fim de se sujeitar a uma operação. Logo que o dr. Almeida Ribeiro esteja restabelecido, tomará conta do referido processo.

A TARDE PARLAMENTAR

UMA SESSÃO POLITICA

O DEPUTADO AGATÃO LANÇA ANUNCIA UM GRANDE ACONTECIMENTO SENSACIONAL PARA DAQUI A DOIS MÊSES

Voltou á discussão o 19 de Outubro

A's 15 horas o sr. Francisco Cruz atravessa a sala, indignado contra o facto de não se ter ainda feito a chamada.

—Vou-me embora; isto não pode ser!

Alguns deputados apoiam, entre sorrisos. O sr. Francisco Cruz continua a protestar ás 15 e 5, e assim obriga o sr. Afonso de Lemos a mandar fazer a chamada.

* * *

Sempre se arranjou numero. 40 nomes. Um secretario de cravo vermelho ao peito lê a acta, que ninguem ouve. E', como sempre, uma leitura hipotetica.

* * *

A sessão não vai ter interesse. Nem se discutirão as propostas, nem o novo regime cerealifero, que fica para a noite.

* * *

O sr. Morais de Carvalho presta um esclarecimento sobre materia votada na ultima sessão. Nem o seu colega sr. Carvalho da Silva lhe presta atenção, pois conversa, felicissimo do contagio, com o deputado democratico sr. Mariano Martins.

* * *

O sr. Baltazar Teixeira lê um expediente. Cochicha-se: o sr. Cunha Leal com o sr. Vitorino Guimarães, o sr. Antonio Maria da Silva com o sr. dr. Almeida Ribeiro.

* * *

Ordem do dia: orçamento da administração geral dos correios e telegrafos.

* * *

Na galeria do «Zé», que é a do alto, estão algumas dezenas de padeiros, que vêm, com um grupo enorme que está na rua, pedir aumento de ordenado.

—Vamos para a gréve—dizem-nos...

Não se sabe o que terá a Camara com o seu caso: Mas—promete o presidente—a noite falar-se-ha nisso.

* * *

O sr. Agatão Lança:

—Quando pode ter logar a interpelação que eu anunciei ao sr. presidente do ministerio sobre o 19 de outubro?

O sr. Antonio Maria da Silva:

—Pode até ser já. Estou habilitado...

Outros deputados declaram ter assuntos para tratar e ninguem os atende. O sr. Antonio Maria da Silva dá explicações ao sr. Paulo Menano. Diz que ainda não estão os orçamentos aprovados, que ha ainda assuntos a ultimar, que faltam cinco dias para acabar o ano economico.

O sr. Cunha Leal:

—Peço a palavra para um negocio urgente!

Que será? O sr. Antonio Maria da Silva, com muita propriedade e boa forma, diz ainda que é necessario o Parlamento prestigiar-se, fazendo primeiro que tudo aprovar os seus orçamentos e contas. *(Apoiados).*

* * *

O assunto urgente do sr. Cunha Leal é a prisão, ha tempo, do sr. Virgilio Costa.

—Vou submete-la á aprovação...

O sr. Agatão Lança:

—Mas eu pedi primeiro para realisar a minha interpelação. Como se atropela o meu caso?

Explicações do sr. Afonso de Melo, que preside, do sr. Antonio Maria da Silva, do sr. Cunha Leal, que diz:

—Mas fale v. ex.ª, sr. Agatão Lança, se quizer, em primeiro logar.

* * *

A camara autorisa o sr. Agatão Lança a realisar a sua interpelação. Este agradece a gentileza da camara e começa:

—Para prestigio do país, para honra de todos, é preciso apurar rapidamente as responsabilidades dos crimes de 19 de outubro.

* * *

O sr. Agatão Lança pede a criação de um tribunal «especial», mas que ao mesmo tempo chama «ordinario», a fim de julgar os implicados no movimento de 19 de outubro.

* * *

A camara parece mostrar, numa parte da direita e centro, a sua desaprovação com esta doutrina, que com entusiasmo é posta pelo sr. Agatão Lança. O sr. Hermano de Medeiros, liberal, em áparte, chama a esse tribunal «um tribunal de excepção». Mas o sr. Agatão Lança continua a defender o seu ponto de vista e supõe que o país, os incriminados, as proprias familias das vitimas, hão-de desejar a criação do aludido tribunal para julgar civis e militares.

* * *

Uma frase do sr. Agatão Lança:

—Ha pessoas presas, a apodrecer nas prisões, absolutamente inocentes. Pela mesma razão que algumas pessoas estão presas, podiam estar presos os parlamentares, os chefes antigos do governo, até o sr. presidente da Republica.

* * *

O sr. Agatão Lança termina anunciando um grande acontecimento internacional para daqui a dois meses, um acontecimento sensacional para a vida de Portugal e de Republica, e que não diz qual seja (certa sensação. Vozes: «mas que é? que diabo é?). O ilustre deputado termina, ouvindo «apoiados».

* * *

Responde o chefe do governo:

—Eu, e o governo, responsabilidade algumas temos, quer na maneira como correu o processo, quer na demora do julgamento! Encontramo-nos numa situação de facto, que não fomos nós que a criámos

* * *

Um dito do sr. Antonio Maria da Silva:

—Se nas repartições militares houvesse um jurisconsulto, com certeza que a classificação dos delitos não se faria como foram feitas. É pena que se registe esta lacuna, a qual origina, talvez, já as demoras, já as inconsequencias que se citam a proposito deste processo.

E o chefe do governo reedita as suas antigas considerações que neste caso, como em tudo o que com ele se relaciona, se tem cumprido as leis e os codigos.

* * *

O deputado sr. Cunha Leal, que falou a seguir ao presidente do ministerio, fez, perante a atenção de toda a camara, uma interpelação ao sr. Antonio Maria da Silva, ácêrca da prisão do capitão sr. Virgilio Costa. Tentou provar que a autorização dada pela Camara para essa prisão foi ilegal, e demonstrou que os termos de culpa invocados contra o capitão sr. Virgilio Costa estavam fora da legalidade.

Ouvido sempre com grande interesse e falando com grande eloquencia, Cunha Leal, na impossibilidade da Camara emendar o seu gesto, protesta contra a maneira como foram presos varios oficiais. No final foi muito cumprimentado, estando a responder-lhe á hora a que escrevemos o sr. presidente do ministerio.

Os manipuladores de pão declaram a greve em principio

Reuniram hoje os manipuladores de pão, tendo declarado a greve em principio. Na quarta feira reunem novamente, devendo votar a greve geral,

AS NOSSAS COISAS

OS ROUBOS NA Exploração do Porto de Lisboa

Acusações gravissimas que a policia está tratando de apurar

Há muito tempo que na Exploração do Porto de Lisboa se desenrolam factos nada abonatorios da honestidade duma parte do pessoal que ali trabalha. Esses factos têm dado que falar porque a policia de investigação foi obrigada a intervir neles.

E pelos modos, desfiando inteligentemente a meada, vai chegando a conclusões interessantissimas, que muito contribuirão para expurgar daqueles serviços o joio que os enodoa.

Pessoa que ocupa altas funções directivas na Exploração do Porto de Lisboa dizia esta tarde ao jornalista:

—Não calcula o que aquilo é! Pode definir-se deste modo: um terreno com aparencias de solido e que o é apenas á superficie. De metro em metro, abate e cava-se um barranco. Mas há-de deixar de ser assim. Os criminosos serão rigorosamente punidos. Não haverá a minima tolerancia.

Outro funcionario, não menos cotado, respondeu a uma pregunta do jornalista:

—Dentro do Porto de Lisboa há quem pretenda fazer uma mudança em forma, para parte incerta, dos artigos e materiais ali existentes.

E está bem; e está certo. Os roubos agora descobertos são avultados.

O libelo acusatorio fala de chapas de zinco, chapas onduladas, areia, cal, tijolo, pedra aparelhada, louças finas, lampadas electricas, comestiveis e até ferraduras — que não são com certeza para uso proprio dos que as furtam.

* * *

Consta da acusação que os volumes pertencentes á carga do vapor «Africa» foram transportadas por conta de Joaquim de Magalhães para parte incerta. Vinhos e licores pertencentes ao mesmo vapor desapareceram. Parte dessas bebidas—di-lo ainda a acusação—tomaram parte activa num banquete fornecido a alguem que ocupa um cargo de destaque num estabelecimento do Estado. E foram ainda transferidas da sua residencia oficial madeiras, sacas de açucar, etc.

As acusações que pesam sôbre o chefe do Entreposto são tremendas. Conseguirá ele desfazê-las?

Afirma-se que tem dentro e fóra do Entreposto cumplices, testemunhas falsas, um serviço de espionagem bem montado e que esses «adjuntos» são premiados com serviços leves, gratificações de horas extraordinarias, folgas, etc.

Até das malas dos passageiros desapareciam objectos por um sistema de prestidigitação ainda ignorado. E os passageiros conformavam-se porque lhes diziam que esses trabalhos eram executados a bordo dos navios...

Todos estes factos criminosos se davam durante a ausencia de graduados.

Eis tudo o que resa a acusação.

* * *

O sr. dr. Jacinto Simões, administrador da Exploração do Porto de Lisboa, o chefe Xavier da 4.ª secção e o agente Manuel de Oliveira Braga, trabalham incansavelmente para pôr em pratos limpos as roubalheiras. E mercê do seu esfôrço que, é justo dizer-se, tem sido muito acertado e inteligente, dentro de poucos dias todas as responsabilidades estarão apuradas e os seus autores a contas com as penalidades da lei.

Casa bancaria selada

No nosso numero de sabado demos a noticia de que, por um conflito entre dois dos seus socios, fôra selada a casa Sousa, Moura & C.ª. A verdade é que a casa Sousa, Moura & C.ª foi selada por um lamentavel equivoco, visto que o conflito era entre socios de outra firma em liquidação, que hábitava o mesmo local. Duas horas depois o respetivo juiz desfazia o equivoco com o seu despacho, restituindo todos os seus direitos á casa Sousa, Moura & C.ª, o que folgamos em registar.